



Notícia
Zambézia em foto
18.10.2017
ed 30.11.17

MINERAÇÃO NO CHINDE

Reassentamento gera polémica

n JOCAS ACHAR

OS residentes de Deia, no distrito de Chinde, na Zambézia, e a mineradora Africa Great Wall Mining Development Company Lda, estão em rota de colisão devido a várias irregularidades detectadas no processo de reassentamento, com vista à exploração da concessão mineira.

Moradores de Deia abordados há dias pela nossa Reportagem queixaram-se da demora na construção e entrega das 1500 casas prometidas pela empresa chinesa, falta de qualidade técnica das primeiras casas construídas, baixas indemnizações e construção de infra-estruturas sociais de baixa qualidade, entre outras irregulares.

A mineradora Africa Great Wall Mining Development Company Lda, de capitais chineses, requereu uma concessão mineira na região de Deia, no distrito de Chinde, a concessão de 23.100 hectares, que abrange os distritos de Chinde, Inhassunge e Nicoadala. O acordo com o Governo previa a construção de 1500 casas para as famílias afectadas pelo traçado da concessão. Só que antes de reassentar as famílias, a Africa Great Wall Mining Development Company Lda. começou com a mineração sob a alegação de que as casas seriam construídas depois dos primeiros rendimentos decorrentes da exploração e comercialização dos minerais.

A exploração começou em Outubro do ano passado e seis meses depois as casas para o reassentamento deveriam estar prontas e entregues às famílias afectadas pelo investimento, facto que não aconteceu até ao momento. Preocupados com a demora e fraca qualidade técnica das casas, os moradores de Deia contactaram a nossa Reportagem para denunciar as irregularidades que estão a minar as relações entre as comunidades e a mineradora chinesa. Xavier Paulo, morador de Deia, explicou que das 1500 casas prometidas, passado um ano apenas foram construídas trinta e com fraca qualidade técnica.

Raul Cesar é um outro residente de Deia que afirmou que

o Governo errou ao permitir que aquela mineradora começasse a explorar os recursos antes de cumprir com os acordos. Segundo as suas palavras, nessa altura a empresa enganou a população ao conceder indemnizações baixas sobre machambas.

para mostrar o seu descontentamento, a população local nunca usou a escola e o centro de Saúde ali construídos, no contexto da responsabilidade social. Os nossos entrevistados afirmam ser inconcebível que uma escola e um centro de Saúde funcionem no mesmo edifício, para além das infiltrações de água sempre que chove.

Os moradores de Deia, região onde começou a mineração, pedem as autoridades governamentais para imponham a ordem e disciplina, bem como o cumprimento da promessa de construção das 1500 casas, sob pena disso ter implicações políticas muito fortes nos próximos anos. Os nossos entrevistados acusam alguns membros do governo provincial de estarem a beneficiar-se de "ofertas" chorudas, como dinheiro, viaturas, casas como pagamento para manterem o silêncio perante uma tamanha complacência.

NÚMEROS NÃO BATEM CERTO

Há quem está a faltar a verdade. Os números que nos forneceram são contraditórios. A nossa Reportagem esteve ontem na sede da empresa Africa Great Wall Mining Development Company Lda. em Quelimane. Mustakina Mustafa, a tradutora na empresa, disse-nos que neste momento estão praticamente concluídas 84 casas. O director provincial dos Recursos Minerais e Energia, Almeida Manhica, fala de trinta. Os nossos entrevistados, que despoletaram o assunto, falam também de trinta casas. Nesta situação fica-se sem saber a verdade.

Almeida Manhica reconhece, porém, que há atraso na conclusão das casas. Indica factores climatéricos como estando na origem desse atraso. Enquanto isto,

a tradutora da empresa diz que o atraso se deveu à falta de consenso do modelo de casa a construir. Para Mustakina Mustafa, essa decisão demorou a ser tomada. Ainda assim, Mustakina Mustafa diz que houve um segundo modelo de casas proposto pela empresa com muitas vantagens por ser resiliente às mudanças climáticas, mas que o governo não quer aprovar. Em jeito de resposta, Almeida Manhica defende-se dizendo que o modelo está em análise, porque não basta apenas propor e as especificações técnicas precisam de ser bem percebidas.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

A mineradora Africa Great Wall Mining Development Company Lda. não tem poupado esforços no que tange à responsabilidade social. Todos aplaudem o gesto desta empresa e agradecem. Acaaba de oferecer uma ambulância que vai ser usada para situações de emergência. Já ofereceu roupa usada e outros bens ao Gabinete da Esposa do Governador da Zambézia. Já organizou outras ofertas e recentemente ofereceu ao governo de Maputo 500 motorizadas.

Todavia, há uma certa desconfiança de que esse gesto de humildade pode estar envenenado. A mineradora Africa Great Wall Mining Development Company Lda. não o faz porque está a cumprir a responsabilidade social, mas sim como uma forma de comprar o silêncio dos governantes para não agirem.

Dados em nosso poder indicam que a produção mineira do ano 2016 da Africa Great Wall Mining Development Company Lda. do ano passado atingiu as 278.871 toneladas de zircão/rutilo. Cada tonelada custa no mercado externo 50 dólares norte-americanos. Feitas as contas, a empresa arrecadou 13.793.550 mil milhões dólares. Um outro minério em exploração em Deia, iluminete, custa 80 dólares por tonelada. A produção foi de 68.836 toneladas.

Um pouco por todo o país reacende o conflito entre comunidades e investidores, devido a reassentamentos mal concebidos.